

## **ATA N.º 65: Grupo de Trabalho sobre Aquacultura**

7 de setembro de 2023

 [Hemiciclo do Conselho Regional de La Réunion](#)

---

### **1. Introdução. Natureza da reunião**

O Grupo de Trabalho sobre Aquacultura do Conselho Consultivo para as Regiões Ultraperiféricas (CCRUP) reuniu-se, em formato híbrido, no Hemiciclo do Conselho Regional de La Réunion, com interpretação simultânea em português, espanhol e francês, às catorze horas (hora local), do dia (7) sete de setembro de (2023) dois mil e vinte e três.

### **2. Sessão de boas-vindas do Presidente do Grupo de Trabalho**

O Sr. François Herman (*Syndicat des Producteurs Aquacoles de Guadeloupe* e presidente deste grupo de trabalho) cumprimentou todos os presentes e deu início à reunião.

### **3. Informações administrativas e Adoção da agenda**

A Secretária-Geral do CCRUP informou que a ata da última reunião do dia vinte e dois de março de dois mil e vinte e três, tinha sido aprovada por unanimidade e por escrito, no dia dezoito de maio de dois mil e vinte e três e que a reunião estava a ser gravada para efeitos de redação de ata. Informou ainda que a agenda da reunião foi adotada, por unanimidade e por escrito, no dia seis de setembro de dois mil e vinte e três.

### **4. Apresentação sobre «*Projetos de monitorização, apanha e valorização de algas*» *Easy Harvest* - Sr. Francisco Machado;**

O Sr. Francisco Machado (Diretor Executivo da *Easy Harvest*) informou que a *Easy Harvest* era uma *startup* sediada no Algarve, cujo principal objetivo era a monitorização, apanha e valorização da proliferação de macroalgas e apresentou a Sra. Emilia Kotiranta (Diretora de operações da *Easy Harvest*). Informou que, desde 2011, devido ao aumento da atividade antropogénica, a proliferação de *Sargassum* já tinha uma extensão de cerca de 5000  $km^2$  - desde o Atlântico Este ao Golfo do México -, e afetava cerca de 30 países. O *Sargassum* tinha um rápido crescimento, pois duplicava a sua biomassa, em apenas 7 dias, e era necessário melhorar a tomada de decisões sobre como controlar os arrojamentos de macroalgas, com base em dados científicos. Informou ainda que a *Easy Harvest* monitorizava os arrojamentos de macroalgas (através de uma plataforma *online* e de saídas de campo, ou até mesmo, com

o apoio de cidadãos locais), também realizavam a recolha das macroalgas, tanto na orla costeira, como no mar; lavavam secavam e armazenava as macroalgas recolhidas, para estudar formas de valorizar as mesmas, por exemplo para indústrias de biofertilizante ou de bioplásticos. Informou que estavam a estudar formas de recolher as macroalgas na coluna de água. Um dos grandes desafios referentes aos arrojamentos de algas era a falta de empresas, ou mesmo mercados, que conseguissem escoar a quantidade de biomassa presente nos arrojamentos de macroalgas. Referiu que era importante conhecer e articular vários conhecimentos: ter conhecimentos biológicos sobre o *Sargassum*; saber as zonas geográficas onde ocorrem os arrojamentos de algas invasoras; realizar amostragens; criar uma base de dados com parâmetros ambientais, por exemplo; implementar um sistema de monitorização. Referiu que era importante elaborar relatórios para identificar, quantificar e cartografar a proliferação de algas que era mais fácil realizar a recolha de *Sargassum* na coluna de água, do que na orla costeira. A missão da *Easy Harvest* era providenciar um serviço ecossistémico, que previsse os arrojamentos de algas marinhas e promovesse a economia circular e, para isso, era necessário haver parcerias, um bom sistema de gestão e haver um mercado para a comercialização de subprodutos resultantes da apanha das macroalgas.

## **5. Perguntas e Respostas;**

O Sr. François Herman questionou se a *Easy Harvest* já tinha algumas soluções para a valorização e monitorização do *Sargassum* ou se ainda estavam em fase de projeto.

O Sr. Francisco Machado, informou que através da experiência de campo, já conseguiram monitorizar e mapear arrojamentos de macroalgas no Algarve e que era necessário testar se esses métodos poderiam ser replicados para o caso do *Sargassum*. Relativamente à valorização, informou que existiam algumas empresas e produtores locais que utilizavam os grandes volumes de biomassa de algas para produzir biofertilizantes. Referiu que era necessário perceber se estes tipos de produções eram meramente para investigação ou se havia parcerias com grandes indústrias.

O Sr. François Herman, informou que não havia uma indústria transformadora para a criação de bioplásticos com *Sargassum*. Informou ainda que, um dos principais desafios provenientes dos arrojamentos de *Sargassum* era encontrar forma de valorizar e aproveitar a quantidade de biomassa ou a quantidade de metais pesados presentes nas águas das Antilhas. Questionou se o *Sargassum* presente em Portugal era o mesmo que nas Antilhas e se as quantidades também eram similares.

O Sr. Francisco Machado, informou que, em Portugal, como havia muita produção de bivalves, usavam essas espécies como referência para saber as quantidades de metais pesados presentes na água e também analisam os metais pesados presentes nas próprias algas e as concentrações em Portugal estavam no nível de «food grade», ou seja, boas para consumo. Informou que todos os arrojamentos eram

diferentes e, por isso, era importante a sua monitorização. Uma das formas de valorizar as grandes quantidades de biomassa de *Sargassum* era através de biorrefinaria. Comentou que nos Açores e na Madeira, os arrojamentos eram diferentes de Portugal continental.

O Sr. Jean-Michel Cotrebil (*Comité Régional des Pêches Maritimes et des Élevages Marins de Martinique*) questionou se os arrojamentos de *Sargassum* eram sazonais e se tinham realizado algum estudo sobre os impactos destes arrojamentos, na saúde pública. Informou que muitas espécies demersais eram afetadas pelas grandes quantidades de *Sargassum* presentes nas águas de Martinica. O *Sargassum* era nocivo para os motores das embarcações e causava estragos nas habitações, fazendo com que as mesmas ficassem com tons avermelhados.

O Sr. Jorge Gonçalves (Associação de Produtores de Espécies Demersais dos Açores), questionou se o *Sargassum* era o mesmo que sargaço, inclusive se eram as mesmas algas. Informou que, nos Açores, também havia arrojamentos de algas invasoras. Questionou de que forma as algas invasoras poderiam ser valorizadas para benefício da comunidade. Informou que, havia menos fauna e flora nas regiões onde ocorriam os arrojamentos de algas invasoras. Uma vez que os Açores tinham zonas litorais rochosas, questionou como seria possível evitar a eutrofização destas algas e proceder à sua recolha. Informou ainda que, os arrojamentos de algas ocorriam, essencialmente, entre a primavera e o outono.

O Sr. David Pavón (*Federación Regional de Cofradía de Pescadores de Canarias*) informou que era necessário converter os arrojamentos de algas invasoras, numa oportunidade.

O Sr. François Herman informou que um dos principais problemas dos arrojamentos de algas era a saúde pública, nomeadamente problemas respiratórios, devido à libertação de sulfureto de hidrogénio e amoníaco. Na Martinica havia barreiras anti-algas, próximas da zona costeira, para evitar os arrojamentos, mas não era uma boa solução. Informou ainda que havia pelo menos duas ou três espécies e subespécies de *Sargassum*, pelo que as algas nos Açores, poderiam não ser as mesmas que nas Antilhas. Reforçou que era importante encontrar formas de valorizar o *Sargassum*.

O Sr. Francisco Machado, referiu que para encontrar uma solução era necessário articular a ciência à indústria, para gerar uma economia e valorizar as algas invasoras. Em Portugal continental havia *Sargassum*, que correspondia a uma espécie de algas e Sargaço, que era um termo utilizado quando havia várias espécies algas invasoras num dado local. Informou que tanto no Algarve como nos Açores, havia arrojamentos das algas *Rugulopteryx Okamurae* e a *Asparagopsis armata*. Informou ainda que existem várias empresas, na Europa e na América que estavam a estudar formas de aproveitar os arrojamentos de algas invasoras e deu o exemplo de uma empresa do México estar a criar tijolos com essas algas. A *Rugulopteryx Okamurae* tinha na sua composição, elementos químicos que poderiam ser utilizados como

pesticidas naturais. Referiu que era importante evitar a chegada das algas às praias, para que a sua apanha fosse mais fácil. O Sargaço era um problema que não iria desaparecer, pelo que era necessário criar soluções adaptativas.

O Sr. Jorge Gonçalves, informou que as algas invasoras estavam presentes na coluna de água, até cerca de 30 metros de profundidade, o que afetava os recursos marinhos e as comunidades piscatórias, contudo ainda não havia estudos científicos suficientes sobre a alga *Rugulopteryx Okamurae*. Questionou se a *Easy Harvest* tinha realizado algum estudo científico para analisar a viabilidade de produção de biocombustível e de fibras naturais.

O Sr. Francisco Machado, informou que era importante trabalhar com a comunidade piscatória para promover a apanha de algas e estudar a viabilidade das soluções como mencionadas pelo Sr. Jorge Gonçalves. O principal desafio era um projeto da fase piloto e de experiências de laboratório para a fase pós-piloto, de forma a arranjar soluções viáveis para a indústria e que, para tal era essencial ter um bom plano logístico e de monitorização. Comentou que os compostos presentes nas algas também podiam ter várias utilidades e deu o exemplo das algas castanhas terem alginato ( $C_6H_7NaO_6$ ) que era utilizado na medicina dentária para realizar os moldes dentários.

O Sr. Jorge Gonçalves, informou que nos Açores, havia licenças para a apanha de algas para a produção de ágar-ágar, contudo as algas invasoras ainda não tinham uma utilidade para a qual fosse viável a sua apanha. Havia várias toneladas de algas invasoras arrojadas, nas zonas costeiras dos Açores.

## **6. Debate entre os membros sobre possível recomendação;**

O Sr. David Pavón informou que, para redigir uma recomendação sobre as algas invasoras, era necessário compreender de que forma a CE ou os Estados Membros podiam apoiar na mitigação dos arrojamentos de algas invasoras.

O Sr. Jean-Michel Cotrebil informou que, os arrojamentos de algas invasoras, também tinham impactos nefastos nas produções *offshore* de pescado e que era necessário quantificar esses mesmos impactos.

O Sr. François Herman concordou com a intervenção do Sr. Jean-Michel Cotrebil e informou que havia uma grande taxa de mortalidade do pescado produzido em aquacultura devido à proliferação de algas invasoras. Referiu que o tema das algas invasoras era o primeiro tema transversal do grupo de trabalho sobre aquacultura, pois além de afetar todas as RUPs, também era do interesse dos pescadores. Propôs que se elaborasse uma recomendação com os seguintes pontos: 1) recomendar à CE a realização de estudos científicos sobre os arrojamentos de algas invasoras; 2) recomendar à CE o apoio de projetos de valorização de algas invasoras; 3) recomendar à CE o apoio de produções aquícolas situadas em zonas

propícias ao aparecimento de arrojamento de algas e 4) recomendar à CE que incentive a que outras entidades internacionais também sejam parte integrante de uma solução para os arrojamentos de algas invasoras, uma vez que era um problema mundial, tal como as alterações climáticas.

A Secretária-Geral lembrou que, no grupo de trabalho sobre pesca de bentónicos e demersais foram referidos os impactos dos pesticidas e de metais pesados nas águas das RUPs francesas e sugeriu que fosse elaborada uma recomendação sobre as algas invasoras, os pesticidas e os metais pesados.

O Sr. François Herman informou que a recomendação ao abordar vários temas, perderia o seu devido impacto e foco. Mostrou a sua disponibilidade para que fosse redigida uma recomendação conjunta entre o grupo de trabalho sobre pesca de bentónicos e demersais e o grupo de trabalho sobre aquacultura sobre o *Sargassum*.

A Secretária-Geral questionou se a recomendação sobre o *Sargassum* deveria ser uma recomendação conjunta com outros Conselhos Consultivos.

O Sr. François Herman concordou.

O Sr. Gualberto Rita (Federação das Pescas dos Açores) informou que era importante que o nome científico das algas fosse mencionado, porque o sargaço representava um conjunto de várias espécies e, no caso dos Açores, a principal alga invasora era a *Rugulopteryx Okamurae*.

A Sra. Alexandra Philippe (*European Bureau for Conservation & Development* - EBCD) informou que era importante recomendar à CE que fossem realizados estudos sobre os impactos da proliferação de algas invasoras na saúde pública e recomendar apoios europeus, caso não existam, para que, para além dos aquicultores, os pescadores também possam receber apoios para combater os impactos provocados por esses arrojamentos.

O Sr. Francisco Machado informou que havia muitas subespécies de algas de *Sargassum* e propôs que o mais correto fosse redigir *Sargassum sp.* para englobar todas as espécies e não suscitar possíveis erros de interpretação. A *Rugulopteryx Okamurae* era outro tipo de alga invasora.

O Sr. Mirko De Girolamo (Investigador no OKEANOS) informou que, nos Açores, ocorria essencialmente arrojamentos de *Sargassum vulgare* e de *Rugulopteryx Okamurae*.

A Secretária-Geral informou que havia algumas recomendações urgentes, nomeadamente a recomendação do grupo de trabalho sobre pesca de pelágicos e questionou se a recomendação sobre a proliferação de algas invasoras poderia ser redigida posteriormente.

O Sr. François Herman concordou.

Resumo: O Secretariado redigirá um rascunho de recomendação sobre a proliferação de algas invasoras e enviará aos membros para solicitar contributos.

## **7. Apresentação sobre «O Projeto AQUAINVERT e o futuro estudo sobre o cultivo de amêijoas»: OKEANOS - Sr. Mirko De Girolamo;**

O Sr. Mirko De Girolamo informou que o projeto AQUAINVERT era realizado no laboratório de aquacultura «AquaLab, na ilha do Faial, nos Açores. O Governo dos Açores utilizava o laboratório para desenvolver e apoiar diferentes projetos, com o principal objetivo de realizar uma investigação aplicada que contribuía para o desenvolvimento sustentável da aquacultura na região, nomeadamente, através do cultivo de espécies de baixo nível trófico e em sistemas integrados. O projeto AQUAINVERT era co-financiado pela CE e tinha como parceiros a *Universidad de las Palmas de Gran Canaria* (ULPGC), a Agência Regional para o Desenvolvimento da Investigação, Tecnologia e Inovação (ARDITI), a Fundação Gaspar Frutuoso e o OKEANOS da Universidade dos Açores. O principal objetivo do projeto era o desenvolvimento de uma aquicultura sustentável, integrada e inovadora na Macaronésia, investigando a produção de invertebrados marinhos de interesse comercial. As espécies-alvo eram a lapa burra (*Haliotis tuberculata*), a lapa brava (*Patella aspera*) e a lapa mansa (*Patella candei*). Mostrou um vídeo com as diferentes fases de produção de lapas: o cultivo de micro e macroalgas para alimento das lapas; a criação de substratos artificiais; a medição do comprimento das lapas e a observação do seu estado de maturação sexual; a separação das lapas macho e fêmea para estimular a liberação de gametas; a fecundação artificial e, por último, o controlo das condições de cultivo e crescimento das lapas. O objetivo a longo prazo do projeto era aumentar a escala de produção, através de sistemas de cultivo em terra e no mar. Informou que os desafios do projeto, era o facto de não haver muitos estudos científicos para a produção de lapa brava (*Patella aspera*) e mansa (*Patella candei*) e, só após 1 ano, é que as lapas produzidas podiam ser utilizadas para repovoamento de áreas sobreexploradas. Informou que, outro dos objetivos a longo prazo, era realizar uma aquicultura multitrófica.

Relativamente aos futuros projetos do laboratório AquaLab, informou que, entre 2021 e 2027, estavam a ser realizados estudos sobre a reprodução, a alimentação e a melhoria das condições de cultivo da lapa brava (*Patella aspera*) e da lapa mansa (*Patella candei*), inclusive seriam estudados quais os impactos da alga *Rugulopterix Okamurae* nas larvas dessas lapas. Informou ainda que, em parceria com a Associação dos Produtores de Amêijoa da Fajã da Caldeira de Santo Cristo (APAS), seriam estudadas técnicas de cultivo da amêijoa (*Ruditapes decussatus*) - o único bivalve explorado nos Açores - em áreas com diferentes substratos, temperaturas, salinidades e acumulação de macroalgas. Um dos objetivos do projeto de cultivo de amêijoa (*Ruditapes decussatus*) era reduzir a captura ilegal deste bivalve e avaliar o seu crescimento e a sobrevivência dos seus juvenis. Explicou que seriam colocadas três caixas com sensores que permitissem a caracterização das condições do meio ambiente, nomeadamente, a

temperatura, a salinidade e o oxigénio. Também seriam testados outros métodos para testar qual o mais viável e produtivo: cestas de malha flexível, cestas de malha rígida, redes e sacos.

### **8. Perguntas e Respostas;**

O Sr. David Pavón, referiu que a ciência devia estar em consonância com o setor da pesca e da aquacultura, e que era importante adquirir mais conhecimentos sobre a biologia dos recursos marinhos. Informou que, nas Canárias, havia cultivo de lírio (*Seriola rivoliana*) e que era importante que as espécies produzidas em aquacultura não gerassem um mercado paralelo às espécies capturadas através da atividade pesqueira. A aquacultura deveria ser uma atividade complementar à pesca.

O Sr. Mirko De Girolamo, informou que a aquacultura realizada nas RUPs era essencialmente para estudos científicos e para eventuais mercados locais ou regionais, pois não havia cultivo de quantidades suficientes para competir com outros tipos de mercados. Nos Açores, também havia cultivo de lírio (*Seriola rivoliana*), na ilha de São Miguel, mas os exemplares eram importados e colocados nas jaulas *offshore*, para engorda.

O Sr. Francisco Machado, referiu que a produção de aquacultura multitrófica sem mercado, tornava-se dispendiosa e questionou de que forma seria viável esse tipo de produção nos Açores. Questionou se havia alguma produção de grande escala *offshore* nos Açores e se era possível recolher e tratar as algas invasoras como o *Sargassum sp.* e a *Rugulopterix Okamurae* para serem a base de rações específicas para produções aquícolas.

O Sr. Mirko De Girolamo informou que testaram o uso de *Rugulopterix Okamurae* para alimentar as lapas, contudo não obtiveram bons resultados e apenas estavam a obter bons resultados ao alimentar as lapas com outras macroalgas, como a alface-do-mar (*Ulva spp.*). Informou que a *Rugulopterix Okamurae* entrava nos sistemas de cultivo, pois nem sempre era possível filtrá-la e houve um aumento da taxa de mortalidade. Nos Açores a aquacultura era muito pouco desenvolvida e havia apenas três sistemas de aquacultura: jaulas *offshore* para cultivo de lírio (*Seriola rivoliana*) - na Ilha de São Miguel - a amêijoia (*Ruditapes decussatus*) - Na Fajã de Santo Cristo, na Ilha de São Jorge - e a microalga *Spirulina* - na Ilha da Graciosa. Ainda não havia projetos-piloto para a produção de aquacultura multitrófica nos Açores, pelo que ainda não se conhecia qual a sua viabilidade, contudo, devido à falta de plataforma continental - por exemplo - estimava-se que os sistemas de cultivo em terra fossem mais viáveis do que os sistemas de cultivo *offshore*.

O Sr. Jorge Gonçalves, questionou se já tinham conseguido fechar o ciclo de cultivo de lapa mansa (*Patella candei*) e lapa brava (*Patella aspera*) e se havia algum teste para comparar o sabor da lapa produzida em aquacultura e a lapa selvagem. Questionou ainda, qual seria o custo de 1kg de lapas, produzidas em aquacultura.

O Sr. Mirko De Girolamo confirmou que tinham conseguido fechar o ciclo de cultivo da lapa mansa (*Patella candei*) e da lapa brava (*Patella aspera*), em laboratório e que tinham indivíduos com 1 ano, contudo - há quatro anos - havia pouca informação sobre o seu cultivo e o seu ciclo de vida, pelo que a sua produção ainda estava numa fase experimental. Ainda não era possível determinar os custos de 1kg de lapas de aquacultura e saber se o seu sabor era similar ou não, ao das lapas selvagens.

O Sr. David Pavón questionou se o Sr. Mirko De Girolamo já tinha realizado estudos com o cultivo de duas espécies de crustáceos utilizados para isco, como nas Ilhas Canárias para o caranguejo achatado (*Percnon gibbesi*) e o caranguejo sulcado (*Xantho hydrophilus*).

O Sr. Mirko De Girolamo respondeu que não, contudo tinham realizado algumas experiências com o cultivo de outros crustáceos, nomeadamente, as cracas (*Megabalanus azoricus*) e os camarões-das-poças (*Palaemon elegans*). Acrescentou que, apesar de haver interesse no cultivo de crustáceos, ainda havia pouca informação disponível e era necessário muito tempo, entre um projeto-piloto e uma produção em escala comercial.

O Sr. François Herman informou que, nas Antilhas havia a tradição de consumir amêijoas «Palourdes» (*Venerupis spp.*), contudo, devido à contaminação das águas com clordecona, o consumo de bivalves tinha diminuído. Questionou qual o tipo de sistemas de cultivo que podiam ser utilizados nas Antilhas, para evitar as zonas contaminadas por clordecona e, se podiam ser suspensos. Relativamente à escala de produção aquícola, comentou que, além do mercado local, também era possível exportar os produtos aquícolas cultivados nas RUPs para um mercado internacional que valorizasse produtos de qualidade e sustentáveis.

O Sr. Mirko De Girolamo, informou que, a única forma das produções aquícolas das RUPs serem competitivas com outros mercados, nomeadamente internacionais, era fornecer produtos diferenciados ou de elevada qualidade, aproveitando o facto das RUPs terem boas condições ambientais. Referiu que a criação de certificados de qualidade para os produtos aquícolas das RUPs, podia ser uma boa forma de cativar um determinado nicho de mercado, como o mercado gourmet. Referiu que, em algumas zonas da Fajã de Santo Cristo não era possível realizar outro tipo de cultivo, sem ser em suspensão e que todos os sistemas de cultivo tinham de ser adaptados à espécie-alvo e ao local de cultivo. No caso do cultivo de amêijoa (*Ruditapes decussatus*), na Fajã de Santo Cristo, iriam testar vários tipos de sistemas de cultivo, pois ainda não sabiam qual seria o mais viável.

O Sr. François Herman referiu que desconhecia que havia o consumo de lapas nos Açores e que esse recurso não existia nas RUPs francesas, apenas em algumas regiões da metrópole francesa, como a Bretanha.

O Sr. Mirko De Girolamo informou que havia consumo de lapas nos Açores, Madeira e Canárias.



Informou ainda que, na Irlanda, também havia muito consumo de lapas devido ao seu potencial proteico.

O Sr. José Basílio (*Federación Nacional de Cofradías de Pescadores*) informou que, muitas vezes, o não-consumo de lapas era devido à falta de conhecimentos. Deu o exemplo de, na Galícia não haver apanha de lapas e, por outro lado, cerca de 4 mil pessoas dedicarem-se ao cultivo de amêijoas. O cultivo de amêijoas na Galícia era regulamentado e monitorizado pelas autoridades locais e funcionários das *cofradías*.

O Sr. François Herman questionou qual era o principal obstáculo para ainda não ser possível aumentar a escala de cultivo de lapas e para avançar com o projeto da criação de um sistema de aquacultura multitrófico.

O Sr. Mirko De Girolamo, relativamente à aquacultura multitrófica, informou que testaram o cultivo de lapa burra (*Haliotis tuberculata*), de pepino-do-mar (*Holothuroide sp.*) e de alface-do mar (*Ulva spp.*), mas só obtiveram bons resultados, através de um sistema de cultivo fechado e com uma reduzida escala de produção. Na Croácia, havia produções aquícolas multitróficas - em jaulas - onde os pepinos-do-mar (*Holothuroide sp*) decompunham a matéria orgânica produzida pelos peixes e impediam que houvesse condições de anóxia, contudo um dos obstáculos dessa produção era haver pouco mercado para a venda dos pepinos-do-mar, que eram cultivados. Concluiu que era necessário obter mais conhecimentos sobre a melhor forma de otimizar a aquacultura multitrófica.

O Sr. François Herman concluiu que em todas as RUPs havia dificuldade em obter apoios financeiros para a aquacultura. O nível de desenvolvimento da aquacultura entre cada RUPs era diferente e, por isso, era importante otimizar as produções aquícolas locais e, sempre que possível, recomendar à CE sobre temas transversais.

O Sr. Mirko De Girolamo informou que, uma das perspetivas do projeto AQUAINVERT era o intercâmbio entre os técnicos dos diferentes parceiros e que isso contribuiu para aumentar os conhecimentos práticos e promover o desenvolvimento da aquacultura, em menos tempo do que o expectável. Sugeriu que houvesse mais intercâmbio entre os produtores de aquacultura das RUPs.

O Sr. François Herman concordou e informou que, no caso das RUPs francesas, a aquacultura era pouco desenvolvida e, por isso, os apoios também eram reduzidos. Informou que a aquacultura das RUPs francesas dependia do IFREMER na Martinica, onde havia 2 mil técnicos que trabalhavam na piscicultura, contudo continuava a haver falta de estudos científicos sobre aquacultura. Comentou que, por esse motivo, o grupo de trabalho sobre a aquacultura e a troca de informações entre todas as RUPs era importante, nomeadamente, para as RUPs francesas poderem desenvolver o seu setor aquícola. Referiu que era essencial haver um esforço público para que fosse criado um centro técnico de

investigação de aquacultura e sugeriu que fosse realizada uma recomendação.

O Sr. Mirko De Girolamo informou que, para haver desenvolvimento de aquacultura, era necessário um centro de pessoas dedicadas à investigação.

O Sr. Jean-Michel Cotrebil concordou e informou que tinha esperanças que o projeto de ter um centro técnico de aquacultura, na Martinica, tivesse progressos e que a aquacultura das RUPs francesas pudesse se desenvolver.

Resumo: Os membros concluíram que um dos principais obstáculos da aquacultura das RUPs eram a dificuldade em obter apoios financeiros e era importante recomendar sobre temas transversais. Elaborar uma recomendação sobre a necessidade de um esforço público para que fosse criado um centro técnico de investigação de aquacultura nas RUPs.

#### **9. Debate e aprovação do Plano de Trabalho do GT Aquacultura, para o ano 2023/24;**

O Sr. François Herman, informou que era importante as RUPs poderem auto-sustentar a sua aquacultura e utilizar os subprodutos resultantes da indústria da pesca para alimentar as suas produções aquícolas - através de rações - por exemplo.

O Sr. David Pavón referiu que havia muitos temas transversais, como o uso de algas e crustáceos para complementar a pesca.

O Sr. François Herman perguntou se os membros leram o plano de trabalho. Colocou o mesmo a votação. Não havendo votos contra nem abstenções, o plano de trabalho foi aprovado.

Não havendo mais intervenções ou pedidos de palavra, o Sr. François Herman deu por encerrada a reunião.

#### **Conclusões/Recomendações**

Os pontos de agenda foram cumpridos. ND.